

CEDI - P. L. B.
DATA 22 04 93
COD. 0400281

P/BETO (pessoal)
confidencial

ANOTAÇÕES DE VIAGEM AO ALTO RIO NEGRO NOS MESES DE NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1987

Na primeira semana de novembro visitei o Benedito Machado na FUNAI com o fim de obter dele informações a respeito das negociações que o governo e "eles" estavam desenvolvendo em relação às terras de Pari Cachoeira. (Quando digo "eles" penso no próprio Benedito, principal portavoz daquela comunidade, atualmente Assessor de "nível 1", contratado pela FUNAI para a 5a. SUBR. Penso também no Pedro Machado, irmão do anterior, funcionário responsável pela Administração Regional de São Gabriel da Cachoeira. Das viagens e negociações em Brasília também participaram Álvaro Sampaio e Henrique Castro. Deveria incluir o Carlos Eugênio Machado, atual presidente da UCLRT, que é, mais que nada, um executor administrativo da orientação ideológica dos seus primos Bené e Pedro.) Bené desenhou um mapa da área e explicou como seria a demarcação no esquema das "colônias indígenas".

O que mais marcou de suas argumentações e sua atitude perante a coisa foi a calma e a segurança do papel desempenhado dentro do jogo todo em pleno processo.

Buscando entender a proposta das colônias, perguntei se haveria duas demarcações, uma para a área indígena como um todo e outra para as colônias.

Afirmando que demarcar o entorno das colônias foi uma das propostas que ouviram do CSN e que eles (os Tukano) não aceitaram porque não estavam dispostos a aceitar área descontínua que facilitasse a invasão do seu território tradicional; disse que no final da argumentação entre eles o que tinha ficado era que as colônias seriam marcadas por uma "linha imaginária" (SIC) que teria função unicamente desde o ponto de vista administrativo. Bené, com caneta e papel, ilustrou que se, por exemplo, uma comunidade local, uma família, que geograficamente correspondesse à administração da Pari Cachoeira, tivesse necessidade e quisesse abrir uma roça fora da área de colônia e dentro da área de "floresta nacional" podia fazê-lo sem nenhum problema.

Quanto à entrada de empresas de exploração mineral, ou outras, na área, disse que a definição disso estava nas mãos da Constituinte. Quanto à negociação com

a Paranapanema "o pessoal de Pari Cachoeira" tinha decidido que não quer ou não vai aceitar "esse negócio de royalties." A gente já sacou que esse negócio de royalties é como se, por exemplo, você que é dono de ^{uma casa} passa para outro que te vai dizer depois, agora você fica só neste quarto e não pode passar para aqui, nem para lá'. Isso o pessoal não aceita." *

Perguntei como era a situação da Paranapanema agora. Disse que de acordo com as definições de área, já tinham sido anulados quatro alvarás de pesquisa que já tinham sido outorgados, por estarem dentro da área indígena e que teriam arquivado mais outros † processos com solicitação encaminhada. Ela vai ter que sair. Já saiu. O pessoal não está querendo mais negociação. * Esse negócio do ouro foi como uma ilusão que foi passando. Nós trabalhamos sempre com agricultura, essa que é a nossa. Com o PCN nós queremos investir nisso. Ninguém está pensando nessa questão do garimpo, o pessoal o que quer é as terras demarcadas. Depois da Constituinte a gente vai pensar como vai fazer com a mineração.

Por esse mesmos dias encontrei com o Sr. Henrique Castro que estava hospedado de passagem de para Brasília, no Hotel Sombra - de propriedade da Goldamazon - pouso habitual, durante o segundo semestre de 87, dos negociadores de Pari Cachoeira. Com relação à mineração, o Sr. Henrique disse que não haveria mais negociação com a Paranapanema. Que ninguém mais ficaria no hotel por conta da comunidade, se alguém chegasse a fazer dívida com a empresa, teria que pagar pessoalmente o que recebesse. O que cada um gastar cada um vai pagar. Disse que o que iriam fazer seria uma empresa indígena de mineração, isso que o pessoal gostaria de fazer. Disse ter recebido promessa de apoio total aos projetos de desenvolvimento da comunidade, por parte do Cel. Carneiro.

Com ar preocupado e pensativo acompanhava ao Sr. Henrique o Sr. Lúcio Fontes, quem acompanhou com muita atenção o nosso diálogo, tendo sido seu único comentário, quase a maneira de confissão, que tinha sido ele que começou os entendimentos com a Paranapanema. Pareceu que estava justificando a sua presença, acompanhando os lances recentes da relação com a empresa.

Viajei para a área em dez de novembro, indo direto a Pari Cachoeira num avião

* Quando estive em Pari, o que ouvi foi um consenso: ninguém quer mais a empresa lá dentro. O curioso é que esta informação não circulou fora. Claro. Os donos dos mídia só q se interessam num "si queremos".

da FAB, que levava uma comitiva interministerial, encabeçada pelo Cel. Carneiro, que, junto com os funcionários da FUNAI somava mais de 20 pessoas. Houve uma única reunião entre essa comitiva e membros da comunidade. Foi feita uma apresentação por parte do Cel. de cada uma das pessoas presentes, como sendo os encarregados de acompanhar o desenvolvimento de cada um dos projetos econômicos que seriam aplicados na área: dois membros do Ministério de Agricultura, um da SUDEPE, um membro do DNPM, os representantes do Ministério do Interior, das Relações Exteriores, do CSN, da Secretaria para Assuntos de Fronteiras do Estado do Amazonas, do MIRAD, do MEC, do Ministério da Saúde.

A visita chegou em Pari às 16 horas aproximadamente, a reunião com a comunidade foi às 19:30. No dia 11, a comitiva saiu no barco da comunidade para fazer um percurso de barco até a comunidade mais próxima, onde, segundo testemunhas não houve maior aproximação com os moradores, nem com os representantes locais, voltou, após refeição na missão houve banho geral dos forasteiros na belas praias de Pari, até a chegada do avião que decolou depois das 16 horas, destino a São Gabriel da Cachoeira.

Na reunião, os únicos a falar, do lado dos índios, foram o Sr. Henrique Castro, "cacique" local, e os Machado. Todos manifestaram satisfação pela visita e Sr. HC fez um histórico da luta de Pari pela demarcação de suas terras e lamentou mais uma vez a perda de território que tiveram na época da delimitação de fronteiras com a Colômbia, situação que só chegaram a entender muitos anos depois que o processo legal havia concluído. No seu discurso na II Assembleia Geral dos Povos Indígenas do Alto Rio Negro, celebrada em final de abril de 1987, em São Gabriel, Sr. Henrique tinha manifestado a mesma preocupação de que com o Projeto Calha Norte viesse a se repetir essa experiência de perda territorial, caso não houvesse uma participação dos indígenas em todo o processo.

O discurso oficial do PCN foi uma vez mais escutado tanto na boca do Cel. Carneiro, como na de Paulo Figueiredo, titular da recém criada Secretaria Estadual para Assuntos de Fronteira. Chamou a minha atenção, como a atenção do Sr. Alfredo Miguel Fontes, (que espontaneamente me comentou o assunto) um fragmento do discurso do Cel. que foi uma espécie de convocação aos índios a assumir a responsa-

bilidade pelo que seria sua área, já que não existia polícia federal, nem exército, nem força nenhuma capaz de conter a ocupação da região. Fora do contexto dessa reunião, o Alfredo, comentando sua expectativa frustrada de que aquela reunião era só o início, a abertura de outras reuniões onde haveria um diálogo entre os indígenas e os técnicos sobre os diferentes aspectos que envolveriam os projetos, perguntava-se qual seria então o papel dos batalhões de fronteira e do PCN, em geral, se eram os índios mesmos que iam ter que defender as suas terras.

Estranhamos, também nós, que o governo tivesse feito tal esforço, levando um quadro técnico tão numeroso, desde Brasília, fazer passar esses senhores pelo desconforto de um voo num avião militar - mais de um sofreu um bocado - para ir até lá ^{só} como retrato vivo para ser apresentado à comunidade. Tentei transmitir a inquietação ao presidente da UCIRT (único com uma vaga na sua casa para pendurar a minha rede), perguntando a ele se o representante da SUDEPE não ia conversar com eles sobre a criação de peixe, já que isso seria uma medida importante para o melhoramento das condições de saúde da região. Tentei, ^{antes de} também resolver com ele algumas dúvidas pessoais sobre o caráter inócuo e até benéfico que oficialmente se estava atribuindo à demarcação das terras sob a figura de "colônias indígenas". O Carlos Eugênio Machado se irritou profundamente pelo fato de que eu tivesse interesse em conversar sobre a questão, com o fato que eu o levasse a se colocar dúvidas. Perguntou se eu tinha ido lá para cuidar da saúde ou para tratar de política e me pediu a autorização da FUNAI para entrar na área. Sem perder a calma, disse a ele que não tinha autorização porque eles mesmos tinham dispensado a necessidade de tal autorização e que ele mesmo tinha assinado um documento, que poderia mostrar a ele, confirmando que a UCIRT estava interessada em que eu desenvolvesse um trabalho de saúde na área (de promoção e educação) e considerando que poderia entrar na área também pelo fato de ser casada com uma pessoa da região de Pari Cachoeira. Disse que nem se lembrava desse documento, que ele não tinha ficado com cópia ou a havia perdido. Disse que estava preocupado com que eu fosse ficar "fazendo a cabeça" de todo mundo e daqui a pouco todo mundo estivesse contestando o que estava se passando, pondo a perder o trabalho que "nós" estamos fazendo.

* O francês estava lá, foi o único a gravar o filmes e fotografar.

Com esse nós, ele se referia claramente aos Machado, já que pelo que observei durante os quinze dias que estive em Pari Cachoeira, eles são os donos da palavra. Nas reuniões são os únicos que discursam longamente. Os outros homens que assistem às reuniões não falam nada. O encarregado do aspecto formal, abertura, encerramento, é o Sr. Henrique Castro, que me pareceu uma pessoa muito ambígua. Se bem o tinha visto entusiasta e receptivo na reunião com a comitiva, observei-o numa outra ocasião, quando estava informalmente reunido com alguns homens na entrada do "clube", com uma atitude e expressão hostil para com o que estava acontecendo. Eu tinha me aproximado do lugar de passagem para o rio e quando eu estava bem próxima, ele falou em português, numa encenação de bravura que ia ir lá no Coronel falar que eles podiam fazer o que quizessem que entregassem tudo aos brancos de uma vez para que todos os índios acabem logo. Senti um clima muito tenso e vi que o Carlos Eugênio se aproximava do lugar. Achei conveniente me afastar do lugar antes de que me fossem atribuir o mal-estar que pairava no ar. Carlos Eugênio chegou ao lugar, aparentemente deu instruções ao Sr. Henrique, (motorista do caminhão doado pelo governo de Gilberto Mestrinho à comunidade, no ano anterior,) para que transportasse a comitiva até a pista de pouso. As coisas continuaram sob controle.

Sabíamos com anterioridade das tensões existentes entre os Machado e o Henrique Castro. Há uma disputa de liderança entre eles. Ouvi uma vez ao próprio Alvaro colocando que enquanto eles os Machado eram de alta hierarquia pela tradição, o Henrique Castro tinha sido colocado como líder pela Missão, para a qual ele tinha servido sempre, mas que pela tradição ele não tinha nenhuma, pela qual ele era um "bastardo" por ter ascendentes Maku. A igreja o fez catequista e ele virou portavoz, "passou 40 anos dominando com a igreja", "ele era o dono da palavra", "dono da verdade", "Henrique arrasa com 50% do povo, no mínimo 20% fica firme com ele" - disse nessa ocasião o Bené sobre o Henrique.

Mas o que percebi como dominante foi um convívio pacífico entre o "cacique" e os Machado. Os Machado são agora funcionários do governo. Pareceu-me que o Sr. Henrique optou por segurar o poder e privilégios que ele tem dentro da aldeia, antes que perdê-los todos, ficando fora do jogo.

Conversando com membros de outras famílias de Pari Cachoeira, notei resentimento e certo grau de hostilidade com relação tanto aos Machado quanto ao Henrique Castro, os quais são vistos como privilegiados que usam o poder para beneficiar às suas próprias famílias, mais do que à comunidade como um todo. O Dr. Henrique é também funcionário do governo, ganha da aeronáutica um salário que lhe permite, ajudado também pela Missão, manter dois filhos estudando em Manaus. Em escala que não pode ser comparada com a dos centros urbanos, realmente são o Henrique Castro e o Carlos Eugênio Machado, os que parecem ter as melhores condições econômicas em Pari Cachoeira, moram nas duas melhores casas. O primeiro administra o caminhão e as voadeiras e o segundo o barco da comunidade. Entre os Machado, os irmãos Pedro, Benedito e Carlos, o único que tem casa em Pari é o Bené, no padrão mais comum, de duas águas, barreada e sem rebocar. Nunca poderia dizer que o Bené é privilegiado pelo que possui nessa casa. Quanto a roças, fiquei sabendo que possui mais de três, as quais provavelmente ficam aos cuidados de sua mãe, com mais de 60 anos mas com muita energia ainda, e também, provavelmente aos cuidados de famílias Maku, como parece ser a praxe entre os Tukano.

Um dia que vi uma família de aspecto muito simpático e sorridente nas proximidades da casa do Carlos Eugênio Machado, perguntei à mulher deste de quem se tratava, e ela respondeu, de forma reservada, escondendo a boca com a mão, que eram Maku. Eles não são considerados como gente. Nunca pensam em convidá-^{os} para assembleias ou qualquer reunião de caráter político. De fato os levantamentos de área feitos por funcionários do governo com o acompanhamento dos líderes mencionados, foram contestados ^{somente} pelos missionários porque tinham desconsiderado aldeias Maku. Numa outra ocasião, o Álvaro Sampaio comentou para sua mãe seus planos de levar uns Maku do Tiquié para tomar conta de uma roça que estava derubando (pelos meses de outubro e novembro de 87). ^{o Palácio} A velha respondeu: "Faz muito bem, meu filho, os Maku não são gente, eles podem morar em qualquer lugar, pode trazer." O Álvaro fez a tradução para mim, rindo do que ele chamou "olha como minha mãe é racista". Quando da II Assembleia dos Povos Indígenas do Alto Rio Negro, perguntei ao Álvaro, o coordenador do evento, porque não tinham convidado nenhum Maku para a reunião, ele respondeu convicto de responder suficientemen-

te: "Maku é Maku" e mudou de assunto.

Por esses dias que passei na casa do Carlos Eugênio, visitando a casa dos sogros deste, descobri que a mulher do Carlos se estava tratando com um pajé. Procurei saber se poderia acompanhar os trabalhos, observá-los. O sogro disse que não havia nenhum problema. De quem mais informação tive foi de uma cunhada do Carlos. Ela é muito comunicativa, ela conhecia a Colômbia, onde esteve trabalhando no cultivo da folha e sendo eu colombiana quiz conversar. Ela me contou que o pajé era o Sr. Francisco Gomes, que estava cuidando da Teresa desde os dias anteriores. Um mês antes, aproximadamente, a Teresa foi operada ^{em SGC} para lhe retirar um feto morto de mais de quatro meses. Segundo me disse Carlos, todo mundo lhes havia dito que a perda do filho devia-se a feitiço. O Sr. Francisco já havia orientado um procedimento para combater esse feiticeiro que havia feito a criança morrer: ele mandou ^{a Teresa} embrulhar em fibras de tucum, recorte, de [unhas (suas) e sujeira retirada de sua pele e colocar esse embrulhinho num recorte feito numa determinada palmeira. Ele tinha dado, também, um banho na Teresa, no dia anterior e todos o esperavam esse dia para ~~xxxxxx~~ uma benzedura. Já estava pronto um prato cheio de flores de urtiga e na casa dispunham de uma cabacinha, que ~~xxxx~~, cheia de água, recebe as rezas e o sopro do pajé. Depois de vários segmentos de reza e sopro o pajé mandava a Teresa beber de aquela cabaça.

No começo da cerimônia, estando eu presente, o Sr. Francisco interrompeu o seu trabalho para dizer ao sogro do Carlos Eugênio que ele tinha me visto no seu sonho da noite anterior e sabia que me ia encontrar aí, que eu estava fazendo (me comportando) do jeito que ele tinha visto, igualzinho. Disse, segundo me foi traduzido imediatamente, que eu também tinha poder e que eles tinham que me tratar bem. De fato senti uma grande simpatia ^{da parte} do Sr. Francisco. Cheguei, inclusive a cometer um erro de avaliação dessa simpatia e arrisquei me aproximar mais para fazer uma melhor fotografia. O Sr. Francisco disse depois da cerimônia e depois que soube que eu tinha casado com Álvaro - ele disse que era parente do pai do Álvaro -, que se eu queria aprender, ele ia me ensinar o que ele pudesse, mas que teríamos que marcar um dia diferente para isso. Não queria perder a concentração durante a cerimônia.

* sem perguntar nada fiquei sabendo por fontes do Hospital de S.G.C. que o Carlos Eugênio transmitiu uma sífilis manavara a sua mulher.

O difícil foi acertar um dia com ele. Disse que estava indo sempre de um lado para outro, sempre tratando pessoas que o necessitavam. Ele disse que era do sítio Tabatinga e que tinha casa no Igarapé Castanho adentro: em São Joaquim (a uma hora e meia depois deste sítio), a um total de 7½ horas de motor de ^{desde Pari Cachoeira.} ~~popa.~~ Muito prestigiado em todos os sítios próximos de Pari Cachoeira, foi ele que comandou os guerreiros na Serra do Traíra, quando foram mortos três garimpeiros invasores, nos últimos dias de 1985. Alguns disseram que ele era o último pajé que tinha no Tiquié. Seu Casimiro Lobo Sampaio disse que ele, Sr. Francisco, era metade Pajé e metade Kamú, porque tinha formação para as duas coisas. Entre o pagamento que o Sr. Francisco recebeu esse dia que eu vi incluía-se bolachas, cigarro para enrolar, lata de sardinha, fósforos. Soube que o sogro do Carlos L., pai da Teresa, foi cedo a sua roça para tirar epadu para preparar para o Sr. Francisco. Me foi dito que somente os velhos (não todos) da aldeia consumiam ainda o epadu.

Quanto à assistência à saúde notei que haviam ocorrido melhoras nos últimos meses. Já fazia três meses que tinha chegado uma freira, Irmã Aldécia Maria de Mattos, a tomar conta do hospital da missão. Ela tem um curso de Auxiliar de Enfermagem, na Escola de Enfermagem de Manaus e pode observar que é uma pessoa com muita vocação para esse trabalho e realmente competente. Disse-me que o hospital era da Diocese, mas que a manutenção e utensílios eram das irmãs. Quando chegou a tomar conta do atendimento, reorganizou o espaço, fez consertos, pintou e deu nova vida ao lugar. Parecia feliz com seu trabalho, sempre entusiasta querendo aprender mais. Parecia muito pessimista quanto à possibilidade dos índios quererem participar do trabalho de saúde. Disse que eles não queriam saber de nada, pois já tinha tentado atrair duas moças para trabalhar com ela e não tinha conseguido segurá-las por mais que tinha procurado agradá-las. A irmã diretora, uma mulher com um ar muito doce e jeito compreensivo, chamou-lhe a atenção para o fato dela ter ficado muito pouco tempo para fazer generalizações sobre os índios. A irmã Aldécia sai, na companhia de outra irmã a visitar sítios próximos a Pari Cachoeira, seja de canoa seja caminhando por trilhas no mato. Vai atender os doentes na suas próprias casas quando é necessário, sempre com bota de cano alto

e com medo de que apareçam cobras por todo lado. Mesmo ficando reticente quanto a um comentário que fez dizendo que os rapazes Lukano eram ruins e cruéis, tem que se dizer que essa irmã está evitando mortes em Pari Cachoeira. Ela me diz que muitas vezes os doentes entram em coma por pura e física fome. Que quando os parentes acham que o doente vai morrer, eles largam de lhe dar alimentação. Citou vários casos, principalmente de crianças, cujas vidas ela salvou levando-as para o hospital, aplicando um soro e dando alimentação. Disse que todos os casos de suspeita de TB que surgiam, em geral, dava positivo o exame. Os diagnósticos são feitos no hospital de São Gabriel. Não é feito nenhuma análise em Pari, onde não existe microscópio. Mencionando os elementos de que sente falta no seu trabalho, citou um aspirador de catarro, equipamento de inalação e um balão de oxigênio.

Deixei o texto do PIASI-ARN para a irmã Aldécia ler e comentar. Ela gostou muito da proposta, considerou que seria importante conseguir realizá-la e eu pensei que no caso de Pari Cachoeira o trabalho teria que ser feito em coordenação com as irmãs. A irmã disse também, que ^{ultimamente} estavam aparecendo pouquíssimos casos de malária.

Fiz um contato muito bom com a irmã diretora, _____, italiana de origem e formação, que está há mais de cinco anos em Pari. Conversei numa forma muito aberta com ela, a informei sobre a história e a proposta do PIASI e comentamos sobre os acontecimentos recentes vinculados ao PCN, sobre a condução que estava sendo dada às coisas. Ela se mostrou muito preocupada com o fato da FUNAI e os militares estarem envolvendo a participação da missão nos seus programas sem sequer terem tentado entrar em contato com os superiores. Disse que eles não eram consultados para nada, nem sequer para acertar hospedagens e alimentação para as comitivas que chegavam de surpresa a Pari Cachoeira, contando com que a missão vai cuidar de tudo. Mostrou-se muito preocupada com a ingenuidade com que os líderes estavam recebendo o PCN e com a dificuldade ou impossibilidade de conversar sobre esses temas políticos com a comunidade. Disse que não sentia confiança de falar com o Henrique Castro, sendo Miguel Pena o único com quem dava para conversar alguma coisa.

Lembrei que o Miguel viu com que hostilidade Carlos Eugênio me falou ou perguntou

sobre a autorização para entrar na área e exprimiu o temor de eu ficar "fazendo a cabeça" de um e de outro. QUANDO Carlos se retirou dessa cena, o Miguel comentou que em Pari Cachoeira a política era uma coisa fechada nas mãos de alguns poucos, que não se podia discutir abertamente, e ^{era} somente alguns poucos que sabiam das coisas. Justificou assim como ele não queria saber mais de política. Disse que ficava contente somente com o fato de estar prestando um ^{serviço} benefício à comunidade. Ele é encarregado de pegar o ouro do garimpo, que é arrecadado para fazer as compras para abastecer o armazem da AUCIRT.

O Carlos Eugênio tem um autoconceito muito forte de ser chefe, faz sempre questão de marcar a diferença. Ouvi pessoas da aldeia que iam procurá-lo na sua casa perguntando por e lhe dando o trato de "Sr. Presidente" (ele é presidente da AUCIRT). Ele é o filho do Sr. Manoel Machado, que de acordo à tradição é a pessoa de mais alta hierarquia dentro de Pari Cachoeira. O Sr. Manoel é o mais velho de vários irmãos que já morreram, um deles era o pai do Bené, Pedro, Carlos e Cecília Machado. Pelo que ouvi numa conversa (informação por confirmar), outro (ou outros) irmãos, receberam dos padres outros sobrenomes na hora do batismo. Os descendentes que levam outros sobrenomes aparentemente não gozam do mesmo status que o núcleo dos Machado. As mães dos irmãos Bené, Pedro, etc., a mãe do Carlos Eugênio e a mãe do Álvaro são irmãs, filhas de um mesmo casal, Fernandes.

Evidentemente a ideologia política da primogenitura é um dos temas mais importantes para os Tukano, continuamente retomada a cada volta de conversa.

Um outro dado que escutei da boca da mãe do Bené foi que o Henrique Castro virou cacique da aldeia por obra de Pedro Machado que deu esse título para ele. A senhora estava comentando as traições que tinham recebido seus filhos. Mesmo não usando a palavra **traição** (ao menos na tradução que fez para mim o Bené), o sentido era este. Disse que depois de ter ficado **Cacique** graças ao Pedro, depois deixou de dirigir a palavra ao próprio Pedro. Não explicou motivos. Comentou que o Moura depois de ter ficado dois meses na casa do Bené em Manaus comendo de graça e de ter sido salvo de morrer de doença graças ao Álvaro e a mim, que levei ele para tratar no sul, tinha ficado falando que eles (os primos Machado) estavam vendendo a terra dos índios e falando mil besteiras.

Buscando explicações que possam servir para entender porque as coisas são como são em Pari Cachoeira, como é que os seus líderes chegaram à postura de hoje, parece-me evidente, pelas muitas informações ouvidas da boca dos próprios índios que venho conhecendo desde 81, que a prática da hegemonia missionária foi muito larga e profunda, levando a-senão a esquecer ou desaparecer totalmente-as formas tradicionais de exercer a liderança ou chefia a se assemelhar ao modelo cultuado pelos missionários: vertical, de hierarquia rígida, obediência absoluta. Levando em consideração a carga didática da experiência do contato, a gente pode se perguntar se não é totalmente conseqüente o que se vive agora, depois de um percurso histórico em que houve uma ruptura violenta das formas de chefia, uma fase de imposição e hegemonia missionária, a experiência de total subserviência da missão ao Exército brasileiro e através deste ao Estado brasileiro. Uma incomparável ilustração disso é o livro de D. Pedro MASSA, de 1928, "Missões Salesianas no Amazonas".

O modelo de chefia do Carlos Eugênio é o militar. O que os irmãos Pedro e Bené estão fazendo hoje é repetir o que a Missão Salesiana fez, talvez não recentemente, mas ao longo de muitos anos. A grande conquista dos Tukano negociadores é que o governo está se dirigindo diretamente a eles. Ouvi falar isto várias vezes tanto na boca do Pedro como do Bené. Nenhum dos Tukano que ouvi falar, à exceção do pai do Álvaro, me transmitiu uma impressão de autoconceito de independência, de autossuficiência cultural com relação aos brancos. Os Machado menos que nenhum; o Pedro principalmente, rebate na tecla da subordinação a Brasília, dizendo coisas como a seguinte, em seus discursos aos funcionários da Administração Regional da FUNAI, da qual é responsável: "Nossa plataforma de trabalho é executar os planos do governo de Brasília". Ele repete frequentemente aos servidores que lhe são subordinados que deve ser descartado "todo e qualquer condicionamento progressista". Ele disse que quer levar um trabalho que seja conjugado com o governo federal, para que o governo federal possa levar um trabalho efetivo do que ele quer na área. Vejo nisso exatamente a mesma postura dos salesianos elogiada pelo Cel. Protásio de Oliveira na introdução ao livro do A. Bruzzi e outras fontes que ^{não} lembro de cor.

Um outro aspecto que me chamou a atenção e sobre o qual não

pode fazer pesquisa formal, nem fazer anotações imediatas, por causa do clima de hostilidade para com pesquisadores, proclamado pelas lideranças, foi o da mobilidade dos indígenas para o lado da Colômbia e viceversa, a qual tem importância não somente desde o ponto de vista do parentesco mas também desde o ponto de vista econômico. Várias das pessoas com as quais conversei tinham estado recentemente em Trinidad, haviam trabalhado em serviço doméstico ou em trabalho agrícola. Cruzei com um grupo de irmãos, indígenas, do lado da Colômbia que tinham trazido roupas e botas para um comerciante indígena local (o sogro do Carlos Eugênio).

— Durante a viagem de barco no "Plano Cruzado" (aquele comprado com ajuda da INGLIA) a São Gabriel, conversei com um homem de uns 30 anos de idade, aproximadamente, mulato, residente em Cuiabá, marido de uma mulher Tukano, que ia de volta para sua casa depois de passar seis meses em Pari Cachoeira visitando os parentes de sua mulher. Seu nome é Raimundo Ronaldo de Souza Santos e nos meses passados havia percorrido toda a área de garimpo, com os seus cunhados. Pelo fato de saber que eu era colombiana falou principalmente de sua experiência pelos lados da fronteira com a Colômbia. Disse que do lado de lá também tinha garimpo, na Pedreira, a 3 horas e meia de voadeira acima da Cachoeira Machado. Disse que lá estava o M-19 e que o comandante de lá chama don Zoé. El tiene un grupo de 70 hombres, entre eles dois brasileiros, um apelidado Careca e o outro de nome Azimar. Don Zoé controla o garimpo de lá. Disse que o Anacleto, um índio Tukano do Tiquié levou uma máquina chupadeira para D. Zoé. Disse que este senhor já tinha expulso do garimpo nove matogrossenses que até lá chegaram. Disse que há um varadouro abaixo do Traíra que vai até a Colômbia. Pareceu-me fidedigna a informação de que era gente o M-19 porque comentou que todos andavam uniformados e tinham como insígnia uma espadinha. Qualquer colombiano medianamente informado sabe que a insígnia do M-19 é a espada de Simon Bolívar, subtraída de um museu no dia que foi proclamada a existência do grupo, em 19 de abril, acho que de 1977, ou antes. Não solicitei esta informação, ele a deu espontaneamente.

Raimundo disse que o pessoal da guerrilha procura atrair para seu grupo os

rapazes fortes, de bom físico para o trabalho deles na região. Disse como eles andavam atrás de José Maria Barreto, do sítio de São Domingos, com o fim de o convencer de trabalhar junto com eles.

Raimundo disse também que há muito ouro na área da cachoeira Machado, que ele tinha tirado dois gramas em três bateiadas só, mas que o controle da Paranapanema era total. Perguntei se essa área estava dentro da área indígena e disse que sim tinha ficado dentro, mas que a Paraná estava lá e o controle da empresa - dos seus seguranças - não permitia o livre acesso. Ele esteve lá no mês de outubro. Disse que na Serra do Pula havia diamantes e que a Paraná também estava lá.

Raimundo enfatizou muito a admiração que sente por Cláudio Barreto*, um Tukano que é muito entendido em encontrar minas, mantém estreitas relações com a Paranapanema e tem um negócio de compra e venda de ouro em Manaus. Comentou que enquanto os outros índios "coitados" não sabiam quase nada da exploração e de o que fazer com o dinheiro, o Cláudio era muito esperto, tinha muitos mapas, havia ganhado muito dinheiro e já estava formando pastagens para o gado que ia comprar para criar. Cláudio Barreto é irmão de Otacília, uma professora de São Gabriel da Cachoeira. Parece-me que eles são de São Domingos. Quem deve ter mais informação sobre esta figura é o Gabriel Gentil, em Manaus, de quem lembro ter ouvido falar nesse nome.

Chamou minha atenção durante a permanência em Pari Cachoeira a escassez notória de alimentos. Sardinha em lata é um dos artigos mais procurados no armazém da UCIRT. As pessoas que conseguem algum peixe no rio fazem questão de o esconder da vista dos outros.

Também é notória a falta de recursos de comunicação e de assistência de todo tipo às comunidades dos sítios ao longo do Tiquié. É chocante constatar o centralismo de Pari Cachoeira estimulado pelo governo - Conferi que os missionários se preocupam com este fato e tentam neutralizá-lo: um padre faz um solitário percurso de barco visitando cada uma das comunidades. Não sei se além da assistência espiritual eles recebem alguma outra, mas é o mais provável, mesmo porque os índios estão sempre encomendando gêneros básicos como sabão, sal, fósforos, etc.

* Descobri que conheço o Cláudio Barreto! É o unibdo do Benedito. Puxa! Tá tudo em família. Vi ele muito bem de vida em Manaus, no ano passado. Trabalhava para a Paranapanema. Agora veio o unibdo e tá苟saudo na casa do Bene

O barco da AUCIRT viaja a São Gabriel da Cachoeira prestando um serviço importante às comunidades ao longo do rio, no sentido de permitir o transporte (dessa vez gratuito) de passageiros e o abastecimento de gêneros para o armazém da comunidade. O barco é usado por aquele que quiser viajar, ficando a alimentação por conta do próprio passageiro. Quando o rio está cheio e a viagem se faz direto, o percurso se faz em duas noites e dois dias e meio, aproximadamente. Uma outra opção de transporte pelo rio são os barcos dos comerciantes que sobem de São Gabriel para vender em Pari Cachoeira principalmente. Mas o tráfego destes parece ter caído muito ultimamente, provavelmente desde que a AUCIRT dispõe do seu "Plano Cruzado". Conversei com um comerciante que me diz que não estava mais valendo a pena ir até Pari Cachoeira, já que o rendimento era mínimo.

Por outra parte observei que os preços do armazém da AUCIRT eram menores que os do comércio de São Gabriel e, mesmo assim, os encarregados da administração e vendas tinham que ouvir reclamações inflamadas dos compradores que achavam tudo muito caro. Pareceu-me que o que deve sustentar realmente a continuidade do trabalho do armazém é a venda do ouro arrecadado entre os índios garimpeiros na Serra do Traíra. O barco desce para SGC logo depois que é recolhido o ouro na Traíra. Miguel Pena faz esta tarefa.

Junto conosco vinha no barco, Alfredo Miguel Pontes, que deixou seus filhos pequenos aos cuidados do seu irmão Lúcio e ia acompanhar a sua mulher Elza hospitalizada em SGC. Ela foi operada em São Paulo, no Hospital Oswaldo Cruz, como parte final de um tratamento de tuberculose óssea, em setembro de 1987. O tratamento foi pago pela empresa Paranapanema e constitui um caso interessante, bom ilustrativo de como se dão as interrelações entre política e doença no Alto Rio Negro de hoje. Faremos esse levantamento por separado.

Quanto ao quadro de tensões entre as lideranças locais de Pari Cachoeira é importante registrar que o Alfredo foi o último presidente da AUCIRT eleito em assembleia. Ele saiu do cargo, passando-o para o Carlos Eugênio, por um entendimento entre as lideranças negociadoras de Pari Cachoeira, entre as quais ele atuou até abril de 87. Entre os termos do entendimento estavam: o fato de que a doença de sua esposa estavam impedindo o Alfredo de uma dedicação mais intensa aos traba-

lhos da AUCIRT e, também, o fato de que o Bené, que estava servindo à FUNAI, como assessor do Superintendente da 5ª SUEB, em Manaus, pretendia voltar em breve para Pari Cachoeira, e se cogitava na conveniência de Alfredo permanecer em Manaus, perto da assistência médica que sua mulher precisava. Por causa desta proposta feita pelo Bené ao Alfredo, este deixou seu cargo da AUCIRT. Só que no término dos prazos marcados sucessivamente para deixar seu cargo ao Alfredo, o Bené foi sempre mudando de idéia e adiando cada vez mais a sua volta para Pari Cachoeira. Isto se converteu num motivo de revolta do Alfredo, que, pelo que pôde saber posteriormente, está sendo estimulado pelos opositores políticos dos Machado em São Gabriel da Cachoeira, onde o Alfredo permanece fazendo companhia à sua mulher impedida fisicamente do tórax para baixo.

As informações relevantes que consegui em SUC referem-se principalmente à articulação de uma oposição ao avanço das mineradoras na região e ao trabalho dos Machado e do Álvaro Sampaio. Dessa oposição fazem parte a nova diretoria da FOIRN - Federação de Organizações Indígenas do Rio Negro, o movimento dos professores, alguns comerciantes e vereadores. Uma professora me diz que há uma revolta muito grande contra o Pedro Machado e que já foram encaminhados documentos e um abaixo-assinado visando a destituição de seu cargo. Disse que os comerciantes haviam coletado fundos para pagar a passagem do Orlando a Brasília. Os motivos da hostilidade da população são o fechamento do garimpo da Serra da Traíra para os regionais que não sejam de Pari Cachoeira e a manifestação de vontade de negociar com as grandes empresas. Evidentemente que os pequenos e medianos comerciantes de SUC, principais beneficiados indiretos da exploração dos garimpos feita pelos índios, tem muito a perder na competição com empresas como a Paranapanema que na sua atuação à procura de ampliar seus lucros tende a se expandir para outros ramos diferentes à mineração: o abastecimento comercial, por exemplo. Eles têm barcos, aviões, tudo. Já expandiram para a prestação de serviços de saúde, sendo assim que a FUNAI e os representantes da Secretaria Estadual de Saúde, valem-se dos aviões da Paranapanema, a qual fornece também material de consumo, para levar assistência - médico, dentista, enfermeiras,

vacinas - em áreas ^{indígenas} onde surgem emergências. A Paranapanema parece que planeja investir também em turismo. Para isso já recebeu da Prefeitura de São Gabriel da Cachoeira, um terreno enorme, águas acima da área urbana atual.

Chamou muito a atenção a campanha publicitária do PCN posta no ar a cada meia hora pela emissora local da Rádio Nacional. Os reclames incluem vozes indígenas que colocam o PCN como a solução definitiva dos problemas indígenas. Segundo me informaram algumas pessoas de Manaus, também foram veiculadas propagandas nas emissoras locais de TV. Uma das pessoas que trabalhou nessas propagandas é o Carlos Machado, irmão menor do Pedro e do Benedito.

Está sendo feita muita propaganda ~~em~~ acima do prefeito de SGO, Raimundo Quirino, veiculada também em jornais e rádios de Manaus. Enfim, SGO recebeu bastante a atenção da imprensa regional durante todo o ano de 87.

Fiz uma breve visita ao Pe. Nilton, que me diz ter estado numa festa de padroeiro numa comunidade do Içana, onde estava programada também uma reunião das lideranças da região com a diretoria da FOMM. Disse que compareceram muitas pessoas cuja expectativa maior era o encontro com a diretoria. Pela época a diretoria teve que viajar a Brasília, o que provocou uma frustração muito grande entre os assistentes que preferiram voltar logo para seus lugares, sem querer nenhuma conversa com o padre que ofereceu falar sobre desidratação e soro caseiro - campanha patrocinada pela CNBB. Segundo o Pe. a antipatia das comunidades para com a atual administração é muito grande. O que deu para perceber é que o movimento indígena mesmo com muitas dificuldades está vagarosamente se articulando na região, apesar dos esforços da FUNAI de sabotá-lo, agora que as lideranças saíram do seu controle. Presenciei uma parte de uma operação administrada por Pedro Machado com o apoio da FUNAI em Brasília (via rádio), para reunir representantes dos distritos de Taracoá, Iauareté e Maturacá para tratar da demarcação das terras indígenas. A estratégia de Pedro era avisar às comunidades com um mínimo de anterioridade (no horário de recados da Rádio Nacional) que um avião estaria recolhendo seu representante da noite para o dia seguinte e a reunião com o Superintendente e sua comitiva se faria em Barcelos, fora da área com o fim de impedir qualquer tentativa de participação dos membros da Federação. O planeja-

mento foi esse, mas parece que por falhas técnicas a reunião terminou acontecendo em São Gabriel mesmo.

Durante a permanência em SGC mantive intenso contato com Elorides Brito, enfermeira formada na Escola Paulista de Medicina, contratada no segundo semestre de 87 para trabalhar nessa localidade, pela FUNAI, a qual conheci em São Paulo no grupo de estudo da Sub-comissão de Saúde da Comissão Pró-Índio de SP. Também com o médico Dráusio Correia, a antropóloga Luciene e o técnico cooperativista Moacir Bittencourt, todos funcionários novos da FUNAI e com o técnico agrícola Wanderley, da EMATER. Com todos eles intercambiamos informações e idéias.

Visitei a Casa do Índio, a qual apresentava uma mudança qualitativa muito marcada com relação ao que antes havia conhecido. A mão competente de Elorides estava refletida em tudo. Antigamente aquele era um lugar morto e lamentável, agora parecia animado, organizado... vivo. A enfermeira pretende morar senão definitivamente em SGC, ao menos por muitos anos. Gosta muito do seu trabalho e do lugar.

O médico que tinha sido animado por mim a procurar transferência para SGC estava muito descontente. A superintendência não cumpriu com os compromissos assumidos verbalmente com ele. Existindo a assistência do médico do hospital (Dr. Nunes) que dava atendimento também na Casa do Índio, Dráusio se sentia desnecessário em São Gabriel, e com muita disposição de se deslocar para as áreas indígenas. Fiz repetidas solicitações ao Pedro Machado para viajar aos distritos, e recebeu negativas, com o questionamento de que ele não teria nada que fazer neles. Pedro não via nenhum sentido no médico ir para as aldeias se nem ele próprio como administrador nem conhecia muitas delas.

Quanto ao Wanderley, acabava de chegar de Itacoatiara trazendo um lote de 45 cabeças de gado, aproximadamente, que seria cuidado para reprodução em áreas contíguas à Casa do Índio, para distribuir crias às aldeias que mostrassem interesse e pastos formados.

Fui ao Balaio a convite do Álvaro. A aldeia estava num pique de trabalhos coletivos muito animador. O promotor era o Álvaro, que preparava duas roças para ele, e para conseguir ajuda para si promoveu, com ajuda de ferramentas e alimentos fornecidos pela administração da FUNAI em SGC, o incremento da ajuda mútua generalizada. Estava estimulando também a formalização da organização política

Álvaro parecia resolvido a não mais sair da aldeia do seu pai e estava sempre propondo programas de trabalho para melhorar as condições de vida na aldeia. Promoveu a formalização de um quadro de lideranças do setor Tukano do Balaio. Seu primo Domingos Marinho foi consagrado como Capitão, o ^{seu} irmão (do Álvaro), João Bosco, Vice-capitão, Juca (filho do Sr. Mário, caboclo da região, casado com uma Tukano, prima do Álvaro), como Conselheiro. Nessa escolha prevaleceu o fato de o Domingos ter família estabelecida com casa e roça e não a primogenitura do seu irmão Eugênio, já que este permanece solteiro.

O João Bosco, irmão menor do Álvaro ficou como Vice, e não o Álvaro, porque o primeiro tem família estabelecida na aldeia e porque a mulher do Álvaro não tem o mesmo desempenho de uma mulher indígena - saber fazer caxiri para as festas, principalmente -.

Com a organização formal da liderança os Tukano se preparam para a batalha pela defesa de direitos sobre a terra do Balaio. Pretendem incluir na área requerida as Sete Lagoas, e , segundo a antropóloga Luciene, segmentos de territórios dos Yanomami. Muito conversamos sobre a conveniência de organizar uma cooperativa de produção e comercialização dos produtos agrícolas excedentes no mercado de SGC. O encaminhamento desta parte tem ido muito devagar porque toda vez que o técnico cooperativista chega na aldeia os homens estão bêbados, sendo impossível trabalhar.

O consumo de álcool aumentou notavelmente na aldeia com o retorno do Álvaro e com o apoio de Pedro Machado, que manda ou leva pessoalmente grande quantidade de garrafas de "Tatuzinho" e "Velho Barreiro".

Nas administrações anteriores da FUNAI, o Balaio não recebia praticamente nenhuma atenção. Na administração de Pedro, há semanas em que o carro chega até três vezes na aldeia. Parece-me que isto acontece como parte de um jogo de compensação que o Pedro faz ao Álvaro, ao qual deve, praticamente, a indicação para ocupar o cargo em São Gabriel, conseguido como parte do jogo de sustentação ou respaldo político que os Tukano (Álvaro e Benedito) vinham dando ao Superintendente Amâncio e ao PCN. Ao Pedro interessa manter agradados os habitantes do Balaio, de onde ele consegue frutas, peixe moqueado e carne de caça para levar a sua ca-

sa. O Pedro já tem manifestado a sua vontade de ter uma roça no Balaio. Evidentemente uma roça que outros trabalhem para ele.

Observei e fotografei uma turma de geólogos e técnicos do DNPA que realiza pesquisas dentro da área do Parque Nacional do Pico da Neblina, dentro de cuja área encontra-se o Balaio. O chefe dessa turma, um geólogo que segundo os índios trabalhou nos levantamentos feitos na área pelo projeto Kadam, questionou muito sobre a minha presença na aldeia e mesmo explicando o meu parentesco com Álvaro, insistiu em saber se eu era missionária. O Álvaro foi extremamente atencioso e obsequioso com a turma, do mesmo jeito que o é com todos os militares do Batalhão de Engenharia que constrói a estrada ^{para} Cucui, que, com muita frequência, param na aldeia à procura de frutas, que trocam por gêneros alimentícios industrializados, sabão, querosene ou pólvora.

Quanto às informações referentes ao setor saúde serão trabalhadas separadamente. Pelos comentários ouvidos em relação à atual diretoria da Federação, ficou muito claro que não há nenhuma postura crítica perante a questão política. As pessoas tomam partido contra os 'inimigos do Álvaro'; este e o seu irmão proclamam um rancor muito grande contra o Moura e contra o Orlando, os quais dizem eles não poderão nunca chegar no Balaio.

contrapartida, o Edgar, ^{Rodrigues} freqüentemente convidado a aparecer nessa aldeia, é tratado pelo Álvaro como "presidente", que promove ^{sua} candidatura para vereador, com o apoio da população de Pari Cachoeira e do Balaio. Conversando sobre este fato com o Pe. Milton, este considerou que o Edgar não tinha a mínima condição de se eleger com votos de SGC. A revolta contra ele é muito grande entre a população, desde que defendeu a entrada das mineradoras na região.

Chamou-me a atenção os freqüentes ataques verbais feitos pelo Álvaro ao nome do Henrique Castro e à disposição reiterada de não se envolver mais com os problemas de Pari Cachoeira. O Álvaro parecia também totalmente desencantado e ranco-roso com o mundo dos brancos e em atos falhos verbais colocou-se como escondido no Balaio. Numa pescaria num lugar isolado da mata, revelou que não tinha imaginado nunca ter que ficar por essas bandas. Não tenho dúvidas sobre o fato de

ele ter ficado muito abalado com a perda de prestígio que teve a raiz no seu envolvimento a favor das empresas. Chegou a sentir que tinha perdido todos os amigos que tinha feito e teve que ler manchetes de jornais de Manaus chamando-o de traidor. Suspeito também que nos episódios de ruptura com a Paranapanema em que deve ter sido ventilada a questão da dívida ou gastos feitos pela empresa com o pessoal de Pari Cachoeira, muito provavelmente a conta mais volumosa deve ter sido a do Álvaro e havendo sido colocado que cada um era responsável pela sua dívida, o rapaz não deve ter sentido que não tinha mais alternativa que voltar com sua família, principalmente junto ao seu pai, única pessoa capaz de lhe ajudar a se recompor psicologicamente.

Consegui perceber que os Machado, Pedro e Benedito, já desde novembro estavam deixando o Álvaro de lado. Associo isto a uma informação que me deu o Alfredo, confirmada depois pelo próprio Álvaro. Num dia de outubro, depois de uma sessão de cervejas, o Álvaro arrebentou de murro o geólogo da FUNAI em Manaus. Este teria provocado a ira do Álvaro acusando-o de estar se vendendo para as mineradoras. O Álvaro que andava frequentemente bêbado andou tendo outros atritos físicos com outras pessoas, o que deve ter sido considerado inconveniente pelos Machado. A Luciene, antropóloga de SGC, me disse uma vez que o Pedro vivia pensando temeroso que o Álvaro queria tomar o lugar dele na Administração Regional.

Realmente o Álvaro chegou a me falar algumas vezes do projeto já conversado com a FUNAI em Brasília, de o Pedro ficar trabalhando em Brasília e ele assumir em São Gabriel. Mas depois de experimentar a desrepressão mental, a vida livre, o respeito e a sensação de estar sendo útil que o Álvaro está vivendo no Balaio é muito improvável que ele mantenha essa intensão de entrar na FUNAI. Ele está mais preocupado em organizar sua vida pessoal e familiar.

O que me parece lamentável é que sua postura política é agora a de um vencido que não vê outra opção melhor que se aliar e ganhar alguma coisa servindo de alguma maneira aos que estão em posições de dominação. Assim ele não vê nenhuma opção melhor que se aliar aos políticos situacionistas, entrar no PMDB, apoiar o prefeito e o seu candidato, manter boas relações com a juíza... em fim "endireitou-se."

Uma outra informação importante que me deu o Bené, depois do meu retorno da Colômbia, refere-se ao conflito existente entre Pari e Taracoá. Em novembro passado, Lorentino, cunhado de Carlos Bugênio, residente em Taracoá e liderança enviada ^{a Pari} por essa comunidade para negociar com a AUCIRT a autorização ou liberação do garimpo do Traira para os residentes em Taracoá, me contou que tinha conseguido êxito na negociação. Que a AUCIRT tinha liberado a garimpagem só para aqueles residentes no Tiquié. Notei que sua missão estava sendo esperada com muita ansiedade pelo pessoal de Taracoá que por esses dias solicitava frequentemente notícias sobre o assunto através do rádio da missão. Já em janeiro, o Bené me contou que o pessoal de Taracoá tinha prendido o barco da AUCIRT em represália pelo fechamento do garimpo para esta comunidade. Explicou que o acordo havido em novembro incluía que as pessoas que quisessem ir ao garimpo teriam que subir até Pari C. para receber uma autorização que deveria ser entregue aos seguranças de Pari no garimpo do Traira. O pessoal de Taracoá estava indo direto para o garimpo pelo rio Ira, contrariando o que tinha sido acordado e o pessoal de Pari não aceitou e voltou a fechar o garimpo. Achei ótimo que o pessoal de Pari constate que eles não estão com a bola toda. Até aí que eu tive notícias.

Não voltei à casa do Conjunto Rio Xingu - Moura e o pessoal da Federação - por medo da fofoca. O pessoal dos Machado está sempre bem informado sobre o que o pessoal da federação faz. Tem gente que leva e tras notícia. Na realidade não senti a barra muito fácil para mim, em Pari e em S. Gabriel, pelo lado dos Machado. Estou tentando evitar sair muito rápido de lá. Quanto às entidades, CEDI, no caso, acho difícil conseguir entrar lá como foi das últimas vezes. Se se quiser entrar em contato com o Miguel Pena, acho que poderia enviar correspondência através da missão, de preferência em envelope não rotulado, já que muitas vezes é a FUNAI, na pessoa dos Machado, que leva a correspondência para lá. A mesma coisa para o senhor Henrique Castro.

Alba Figueroa